REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

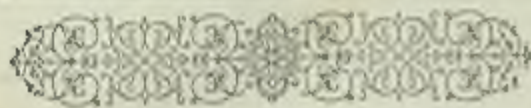
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 322

1 DE DEZEMBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Os theatros de Lisboa nadam este anno em maré de rosas.

Ha muito tempo que não apparece na nossa terra uma epocha theatral como a nossa.

Os theatros portuguezes teem enchentes quasi todas as noites, e de um d'elles sabemos nós — o da Trindade — que em dois mezes teve a receita bruta de quatorze contos de réis, o que para a nossa terra é importante, para o costume dos outros annos e verdadeiramente extraordinario.

Ora esta prosperidade extranha dos theatros de Lisboa leva muito naturalmente a investigar as causas d'ella.

O que se dará este anno de excepcional para produzir uma tão excepcional animação nos theatros portuguezes?

Dá-se um facto importante, para o qual os poderes publicos, se se importassem, como era dever seu, pela arte portugueza, deviam olhar muito seriamente.

Este facto é a ausencia do circo de cavallinhos.

De ha muito tempo toda a gente que se importa com coisas de theatro attribuia a decadencia, a desanimação dos theatros portuguezes, a vida atribulada que elles arrastavam por ahi, á existencia em Lisboa, durante o inverno, d'um circo enorme, que todas as noites desviava dos theatros portuguezes grande numero de espectadores.

Este anno temos a prova real d'isso.

A prosperidade de todos os theatros de Lisboa é devida á demolição do Colyseu.

Ora nós sabemos perfeitamente que ha umas coisas que se chamam liberdade de industria, liberdade de commercio, em nome das quaes não se póde prohibir a qualquer companhia estrangeira vir assentar os seus arraiaes em Lisboa, e, com vantagem ou prejuiso seu, isso é perfeitamente indifferente para o caso, vir prejudicar os theatros nacionaes e todos aquelles que d'elles vivem. Mas não seria possivel, sem ir de encontro a todas essas liberdades, fazer alguma coisa em favor dos theatros portuguezes?

Quer-nos parecer muito bem que sim, e que com um bocadinho de boa vontade dos poderes publicos, se poderiam conciliar todas as coisas, fazendo com que a prosperidade que este anno sorri aos nossos theatros não seja sol de pouca dura, que as primeiras *voltigeuses* que para ahi appareçam, possam fazer eclypsar com as suas piruetas.

A questão valia bem a pena de ser estudada e resolvida.

O theatro de S. Carlos, cuja existencia em Lisboa é justificada pela sua especialidade, tem tido tambem este anno receitas extraordinarias. Já lá vão vinte recitas e d'essas vinte recitas, pelo menos, dezesete ou dezoito tem sido enchentes á cunha.

Este facto é realmente singular, comparado com os factos dos annos precedentes.

Houve aqui uma epocha em que a companhia de S. Carlos era a melhor companhia lyrica de todos os theatros do mundo.

AFRICA PORTUGUEZA — BAHIA DE CABINDA

(Segundo uma photographia)

Não vae ainda muito longe essa epocha para que nós todos não nos lembremos d'ella: foi a epocha em que Lisboa teve no seu theatro lyrico, ao mesmo tempo, o Massini, a Fidès Devriès, a Borghi-Mamo, o Cotogni e o Lorrain.

Toda a gente reconhecia, e não podia deixar de reconhecer, que essa epocha era verdadeiramente excepcional, que ha muito tempo se não agrupavam no nosso theatro lyrico tantos artistas universalmente celebres, e apesar d'isso o theatro de S. Carlos estava todas as noites ás moscas.

Este anno a companhia de S. Carlos não se póde evidentemente pôr ao lado d'essa companhia excepcional.

Tem tres artistas realmente celebres como a Theodorini, a Nevada e o Talazac, tem os dois irmãos Andrades, que são dois artistas notaveis, mas não tem celebridades como o Massini e o Cotogni; e entretanto o theatro que d'antes estava todas as noites vasio, enche-se agora todas as noites!

Vão lá perceber essa estranha individualidade que se chama Publico!

Desde a nossa ultima chronica o theatro de S. Carlos tem dado mais tres operas novas—a *Lucia*, o *Baile de Mascaras* e a *Lucrecia*, isto e, dois successos e um pequeno fiasco.

A *Lucia* na primeira noite apresentou-se com todas as apparencias de um *four* enorme.

A sr.ª Nevada, que é indubitavelmente uma grande cantora, fazia pela primeira vez a Lucia em Portugal e toda a gente esperava d'ella maravilhas na execução d'essa opera, que tanto está nos seus bellos e extraordinarios recursos de *virtuose*.

Nevada entra em scena no 1.º acto, canta a sua cavatina celebre, e o publico tem uma verdadeira decepção.

A Sembrick, outra grande cantora, que entre nós fizera a Lucia, deixára tambem immenso a desejar na execução d'essa cavatina.

Pois a Nevada foi ainda além d'ella e deixou muito mais a desejar que a Sembrick.

O duetto com o tenor foi cantado muito mediocremente, cheio de hesitações, e o 1.º acto da *Lucia* acabou no meio de signaes de desagrado, e tendo todo o publico a certeza de que ia assistir a um d'esses fiascos memoraveis nos annaes do theatro de S. Carlos.

Pois essa *Lucia*, no fim de contas, foi um dos mais brilhantes *successos* do nosso theatro lyrico n'esta epocha.

Aquelle primeiro acto mal cantado foi uma perfeita mystificação dos cantores, para desnortear o publico, para lhe mostrar bem que n'isto de operas não póde haver prophecias.

O 2.º acto da *Lucia* teve, por parte da Nevada, do Talazac e de Terzi, um desempenho magistral, o sexteto foi cantado como ha muitos annos se não ouve em Lisboa e *bisado* debaixo de uma avalanche de applausos.

O 3.º acto foi um primor desusado de execução: a Nevada egualando a Patti como *virtuosidade* n'esse difficilimo trecho, fez esquecel-a como expressão dramatica; Talazac na *Bel alma inamorata* foi extraordinario, muito superior a todos os tenores que n'essa opera temos ouvido.

Com o *Baile de Mascaras* não se deu o mesmo feliz caso de começar mal e acabar explendidamente. Apezar do talento de Francisco de Andrade, e de alguns trechos bem cantados por Antonio de Andrade, que ainda assim estava doente—o *Baile de Mascaras* não conseguiu levantar-se do *fiasco* que desde o principio se começou a esboçar, e que de acto para acto se foi accentuando mais.

A sr.ª Cataneo, que desempenhou a parte de Amelia, não satisfez ás exigencias do papel. A sr.ª Oliva não tem dotes physicos para o *travestie* d'Oscar, nem a graciosidade de canto que esse personagem impõe; a opera estava mal ensaiada, cheia de hesitações, e tudo isso concorreu para o desastre do *Baile de Mascaras*, que não sabemos bem porque, é uma das operas de Verdi, que mais *fiascos* tem feito entre nós.

A *Lucrecia Borgia* teve sorte bem diversa.

A Theodorini deu uma interpretação magistral á Lucrecia de Victor Hugo—e não á Lucrecia da Historia como alguns chronistas tem dito, porque pelos modernos trabalhos escriptos está provado que a Lucrecia Borgia real é muito differente da Lucrecia Borgia lendaria que Victor Hugo quiz redimir com o amor de mãe.

A grande artista deu-nos a Lucrecia de Victor Hugo, nem outra nos podia dar porque estava representando o drama de Hugo posto em musica e não representava um capitulo de historia.

A individualidade complexa d'essa personagem estudado com o fino criterio, que Theodorini tem em arte e reproduzida com esse poderoso talento que a torna hoje uma das mais notaveis cantoras dramaticas do mundo lyrico moderno, é uma verdadeira obra prima artistica e o publico apesar de a applaudir bastante não foi bem justo para com ella, porque o seu explendido trabalho artistico tinha incontestavel direito, perante uma platéa illustrada, avançada em critica artistica, menos apegado á rotina da velha escola, mais preoccupada pelos modernos ideaes, a uma ovação excepcional.

Como cantora a Theodorini teve trechos d'uma execução magistral, e no seu conjuncto o desempenho lyrico e dramatico da *Lucrecia Borgia* e um dos trabalhos artisticos mais notaveis que temos visto no nosso theatro lyrico.

Talasac cantou primorosamente a parte de Genaro, muito especialmente o *racconto* da 1.º acto.

O sr. Merolles não nos agradou tanto na parte de duque de Ferrara, como nos tem agradado no *Fausto* e nos *Huguenotes*.

Exagerou extraordinariamente o seu personagem, e esse exagero prejudicou completamente o seu trabalho. A sr.ª Prandi foi um gentilissimo Maffio Orsini.

Nos theatros portuguezes tem havido tambem algumas novidades.

No Gymnasio uma peça nova, a *Vida Operaria*, que não vimos, mas que pelo que nos contaram é tudo o que ha de mais velho em peças d'aquelle genero *demodé*, que já em Lisboa não encontra publico nem mesmo nos theatros populares.

O que n'essa peça foi novo, foi o conflicto que se travou ácerca da sua classificação.

O cartaz do Gymnasio deu-a como original.

Entretanto já cá por fóra se sabia que não era original, tanto que a peça hespanhola de que ella fóra imitada, estava traduzida e fóra entregue ha que tempos á empreza d'um theatro popular.

Depois de affixados os cartazes o sr. Cesar de Lacerda, que é o imitador da peça, escreveu nos jornaes uma carta declarando não ser a *Vida Operaria* um original, mas sim um *arreglo*.

Até aqui muito bem, podia ter havido um equivoco: mas a empreza do Gymnasio e um cavalheiro a quem o sr. Lacerda vendera a peça, vieram nos jornaes declarar que fóra o proprio sr. Lacerda que a classificára de original.

Como vêem d'isto trata-se d'uma questão particular com que nós nada temos; mas com o que temos alguma coisa e com uma explicação que o sr. Lacerda dá e que nós pela nossa parte repellimos terminantemente.

O sr. Cesar de Lacerda diz que não puzera na sua peça, comedia original de Fulano, mas simplesmente, comedia *por* Fulano.

Não comprehendemos a distincção e protestamos energicamente contra ella.

Desde o momento que qualquer trabalho artistico tem a designação de ser feito por qualquer pessoa, é evidente que esse trabalho é producto proprio, original d'essa pessoa.

Pelo menos assim o entendemos, assim se entende em todos os paizes, e assim o temos sempre praticado.

A designação de original é mesmo quasi que exclusivamente portugueza, por que nunca encontramos em nenhuma comedia franceza essa designação.

É claro, que uma comedia feita por Fulano, quer dizer que é original d'esse fulano, porque se o não fosse teria a designação de traducção, imitação, apropriação, etc.

E por julgarmos isto, é que nos surprehendeu extraordinariamente a differença que o sr. Cesar de Lacerda procura introduzir entre *obra original de*, e *obra por*, e por termos muitas vezes empregado esta fórma—é que protestamos contra o novo synonimo que se quer dar á proposição *por*, declarando cathegoricamente que todas as vezes que temos dito que qualquer trabalho era feito por nós, é que realmente esse trabalho era por nós feito sem restricções casuisticas.

Devia-lhes fallar ainda do grande successo alcançado pela operetta o *Homem da Bomba* no theatro da Trindade, mas a chronica vae longa e esse *successo* annuncia-se tão ruidoso e duradouro, que na proxima chronica encontraremos ainda a peça fazendo acontecimento theatral e então d'ella fallaremos.

Gervasio Lobato.

A FAMILIA REAL NO NORTE DO REINO

VI

No dia 8 Sua Magestade a rainha visitou o Collegio da Regeneração, sendo recebida á entrada pelas damas bracarences que compoem a direcção, bem como pelo fundador e director d'aquella casa, o padre João Ferreira Ayrosa e outras pessoas.

A senhora D. Maria Pia percorreu as diversas officinas onde cerca de 80 educandas estuvam entregues aos seus trabalhos, taes como de costura, de engommar, de tecedeira de cotins, linhos, bretanhas, etc., entrando tambem na sala onde se viam expostos os lavores preparados n'aquella casa de caridade. N'essa occasião um grupo de recolhidas entoou, acompanhado a orgão, os hymnos de el-rei e da rainha.

No salão dos teares uma educanda offereceu a Sua Magestade, para o principe da Beira, uma peça de bretanha de linho, brinde que a illustre princeza agradeceu com reconhecimento. Esta entrou tambem na igreja do Recolhimento e antes de sahir do edificio deixou inscripto o seu nome no livro dos visitantes, encarecendo ao mesmo tempo, com palavras de subido louvor, os beneficios que aquelle estabellecimento presta á sociedade, recolhendo e educando grande numero de infelizes arrancadas ao vicio e ao crime.

O edificio do Collegio da Regeneração fôra antigamente convento de freiras da ordem da Conceição, fundado pelo conego da sé de Braga Geraldo Gomes, auxiliado por seu irmão o dr. Francisco Gomes, reitor da igreja de Adaufe, proximo a Villa Real. A sua edificação principiou em 1625 e terminou em 1629, sendo suas primeiras directoras e preladas quatro religiosas do convento dos Remedios, de Braga.

Deu origem á ordem da Conceição, D. Beatriz da Silva, dama formosissima, descendente das casas de Villa Real e Portalegre e irmã do beato Amadeu, que fundára na Italia a ordem dos Amadeus, unida depois á dos Franciscanos.

D. Beatriz da Silva era aparentada com a casa real e n'essa qualidade acompanhou a Hespanha, D. Isabel, neta de D. João I, e que casou com D. João II de Castella.

Depois da visita a este collegio e apesar da chuva torrencial que cahia, a sr. D. Maria Pia dirigio-se ao Asylo de Infancia Desvalida de D. Pedro V, onde foi igualmente recebida pela commissão administradora.

Sua Magestade percorreu todas as dependencias do edificio, cantando as asyladas os hymnos de el-rei e da rainha, quando esta entrou no côro da capella.

A sr.ª D. Maria Pia, deixou consignadas nas seguintes palavras, o prazer com que vira a boa ordem e aceio do estabelecimento:

«Folgo muito em vêr quanto melhorou, este estabelecimento, devido á intelligencia esclarecida da direcção».

A sahida, a rainha foi coberta de flores e acclamada pelo povo que a aguardava na rua.

No dia 9 o mau tempo não permittiu a Suas Magestades visitar outros estabelecimentos de beneficencia.

Uma banda de musica percorreu as ruas da cidade, espalhando-se ao mesmo tempo com profusão, um impresso do Atheneu Commercial convidando todos os commerciantes, artistas, industriaes e mais classes a comparecerem no dia seguinte na gare do caminho de ferro, para receberem el-rei e os principes que deviam regressar da capital.

Effectivamente no dia 10, pouco depois das 9 horas da manhã parava na estação, onde já estava a sr.ª D. Maria Pia, o comboyo que conduzia Sua Magestade e Altezas.

Além de todas as auctoridades, corporações e pessoas distinctas de Braga, viam-se na gare grande numero de cavalheiros dos concelhos de Amares, Barcellos, Braga, Esposende, Famalicão e Villa Verde.

A chegada do comboyo o sr. presidente da camara ergueu vivas á familia real, que foram delirantemente correspondidos, e depois dos cumprimentos a el-rei e a seus augustos filhos, que haviam sido recebidos com manifestos signaes de jubilo pela sr.ª D. Maria Pia, o cortejo pôz-se em marcha em direcção ao Bom Jesus.

A sahida da estação lançaram-se muitos foguetes e tocaram as philarmonicas, algumas das quaes se encorporaram no prestito.

A carruagem real foi rodeada até ao sitio dos Peões, pelos bombeiros voluntarios, por grande numero de socios do Atheneu Commercial e por

grande multidão que acclamava incessantemente Suas Magestades e Altezas.

Em todo o trajecto para o Bom Jesus as janellas estavam ornamentadas com colxas de damasco e bandeiras, sendo extraordinaria a agglomeração de povo em todas as ruas e praças.

O coche real foi innundado de flores e de papelinhos de côres que as senhoras ao mesmo tempo que agitavam os lenços, lançavam das janellas. Além d'isso foram arremessados elegantes bouquets e pombas com fitas das côres nacionaes.

A manifestação á familia real não podia ser mais imponente e significativa, devendo ter desfeito de todo, qualquer má impressão causada pelas levianas e grosseiras aggressões do *Commercio do Minho*.

Os monarchas e seus augustos filhos deram entrada no hotel ás 11 horas, renovando-se ahi as acclamações e voltando para a cidade as authoridades e outras pessoas que tinham composto o cortejo.

Depois do almoço o principe real e sua esposa foram passear em *dog-cart* até á cidade, onde fizeram algumas compras, sendo-lhes offertados ramos de flores por diversas pessoas. El-rei, a rainha, o infante D. Affonso e o principe da Beira foram tambem passear ao Sameiro, cujo templo visitaram e no regresso passearam a pé pela matta.

El-rei recebeu o velho pintor José Vicente Salles, de 87 annos, cego e que vivia da caridade publica. Sua Magestade compadecido da sua penuria e da sua decrepitude, estabeleceu-lhe uma pensão de 12$000 reis mensaes, que o pobre artista agradeceu derramando lagrimas de profundo reconhecimento.

O pintor Salles fôra subsidiado em 1820 por D. João VI para ir estudar em Paris e Roma. O retrato que pintára depois, do infante D. Miguel valeu-lhe uma pensão e pelo da infanta Izabel Maria, foi agraciado com o habito de Christo. Com o novo regimen liberal acabou-se-lhe a pensão e Salles foi então para Madrid e Barcelona onde viveu durante alguns annos, vindo por fim residir em Braga.

Sua Magestade recebeu tambem o erudito bibliophilo o sr. dr. Pereira Caldas, que offereceu a Suas Magestades alguns dos seus opusculos archeologicos e á princeza D. Amelia a traducção franceza dos Luziadas feita pelo antigo duque de Palmella.

El-rei mandou entregar cinco libras ao operario que fôra ferido por um foguete na noute das illuminações e deu outras cinco libras a um conhecido torneiro do Porto, que apesar, de corcunda e de tal modo aleijado que mal se arrasta, sendo preciso andar com elle ao collo, é casado pela segunda vez e tem nada menos de oito filhos! A photographia d'esta curiosa familia foi offerecida pelo torneiro a Sua Magestade.

Finalmente o sr. D. Luiz, recebendo o presidente do Atheneu Commercial agradeceu-lhe os pomposos festejos que esta collectividade promovera para a sua chegada.

No dia 11 o principe D. Carlos, acompanhado do abastado proprietario de Pico de Regallados, o sr. Albano Teixeira Leite, foi á caça, offerecendo-lhe este cavalheiro uma cadella de raça.

El-rei desceu o escadorio visitando as capellas e passeou a pé pela estrada de Braga. Pela sua parte o infante D. Affonso acompanhado pelo sr. conde Paraty, passeou a cavallo pela estrada de Chaves, e a rainha e a princeza D. Amelia andaram igualmente passeiando de carroagem pela mesma estrada.

No trajecto vendo a sr.ª D. Maria Pia dous formosos bezerros que uma mulher levava para a feira de Braga, perguntou-lhe se os queria vender e quanto custavam. A mulher pediu seis libras e Sua Magestade ordenou-lhe, que os apresentasse no hotel. A lavradeira, com a desconfiança propria da gente do campo e não conhecendo com quem tratava, exigiu o *signal*, isto é, uma pequena quantia para garantir a realisação da compra. Depois, porém, sabendo que quem lhe fallava era a rainha, desculpou-se conforme póde e levou os bezerros ao hotel, onde a sr.ª D. Maria Pia lhe deu oito libras em vez de seis que pedira. Os bellos animaes foram mais tarde enviados para Lisboa.

O dr. Paulo Marcellino, promotor da caçada no Gerez, offerecida á familia real, offereceu a el-rei um exemplar da sua obra recentemente publicada, o *Gerez Historico*.

No dia 12 realisou-se a partida para o Gerez, partindo el-rei e os principes ás 11 horas e meia da manhã. A sr.ª D. Maria Pia e a princeza D. Amelia haviam resolvido ficar em Braga, em consequencia do principe da Beira ter soffrido um pequeno incommodo na noite anterior. Como porem melhorasse, as augustas princezas seguiram tambem para aquella localidade ás 3 horas da tarde, acompanhadas pelo sr. conde de Bretiandos.

Antes de partir, a rainha mandou dar quatro libras a um velho veterano, condecorado com o habito de Christo e com 50 annos de serviço, que se lhe havia apresentado.

A princeza D. Amelia tambem recebeu o pianista portuense o sr. Soller, agradecendo-lhe uma *gavotte*, que este lhe havia offerecido por occasião do seu casamento.

No precurso dos 40 kilometros que medeiam entre Braga e o Gerez, el-rei foi sempre muito festejado, achando-se algumas povoações pittorescamente ornamentadas.

Em Palmeira havia embandeiramento e um arco forrado de damasco carmezim, achando-se alli muitas camponezas com cestos de flôres, que lançavam sobre o monarcha e seus filhos.

Como n'aquella freguezia residia o operario João José Vieira, que fôra ferido em um braço por um foguete no Bom Jesus, el-rei, apeando-se, entrou em casa do enfermo, informando-se das suas melhoras e deixando-lhe á sahida 20 libras. Calorosos vivas do povo coroaram este acto de magnanimidade.

Na magnifica ponte do Rico, de onde se avista um panorama explendido, el-rei foi cumprimentado pelas auctoridades de Amares, que seguiram a carruagem real, bem como uma phylarmonica e muito povo, até Lago, sendo alli preparada uma enthusiastica recepção a Suas Magestades e Altezas, pelo abastado proprietario da localidade, o sr. José Antonio da Costa.

Junto do palacete d'este cavalheiro via-se improvisada uma latada com cachos de uvas de qualidades especiaes. No jardim fronteiro havia uma gruta artificial, um chafariz e estatuetas, completando-se estas decorações com varios tropheus de instrumentos agricolas.

A chegada do monarcha e dos principes a esposa e cunhada do sr. Costa entregaram-lhes formosos *bouquets*, que tinham preparado para a rainha e para a princeza Amelia. A filha do mesmo cavalheiro offertou igualmente a el-rei um cestinho com deliciosas uvas Moscatel de Jesus. Ao mesmo tempo 24 camponezas garridamente vestidas com trages de festa e 12 meninas tambem com os graciosos *costumes* da localidade, entoavam em côro uns versos compostos para a occasião e dos quaes foram offerecidos exemplares a Sua Magestade, sendo-lhe igualmente entregue uma outra poesia allusiva aos instrumentos agricolas.

Os regios viajantes foram cobertos de flôres e acclamações, não só n'essa povoação como em outras do precurso, algumas das quaes estavam curiosamente ornamentadas.

Em Rio Caldo, por exemplo, havia arcos alindados de flôres e medronhos, e dispersas pelo chão abohoras, servindo de vasos, com ramos de medronheiro, planta que abunda n'aquella zona.

Ás 4 horas e meia da tarde chegavam ao Gerez Suas Magestades e Altezas, sendo esperados pelos srs. Ricardo Jorge e Paulo Marcellino, pelo monteiro-mór da caçada, logares-tenentes e 12 caçadores devidamente armados e por muito povo.

Queimaram-se girandolas de foguetes e acclamações enthusiasticas acompanharam os illustres excursionistas até ao *chalet* do sr. Alfredo Tait, onde a familia real se hospedou.

Depois de um curto descanço, el-rei e os principes sahiram, visitando as thermas, acompanhados dos drs. Ricardo Jorge e Paulo Marcellino.

Cerca das 8 horas da noite chagaram Sua Magestade a rainha e a princeza D. Amelia, acompanhadas pelo povo de Villar da Veiga, em marcha *aux flambeaux*. As augustas princezas tiveram egualmente uma recepção muito festiva.

Á noite houve vistosas illuminações, tanto na estrada como nos chalets particulares que alli existem, e no Grande Hotel e Hotel Universal. As imminencias do Gerez estavam tambem illuminadas por meio de fogueiras, que produziam um effeito phantastico. Era grande a affluencia de povo a presencear estes festejos. No local tocaram duas phylarmonicas e junto do chalet do sr. Tait fizeram ouvir os seus descantes, camponezas do sitio, acompanhadas por instrumentos de cordas, clarinetes e ferrinhos.

O regosijo era expansivo e sincero.

O dia 13 foi o destinado para a caçada no Gerez, tomando parte n'ella, além da familia real, uns 500 caçadores das freguezias circumvisinhas.

Era monteiro-mór o padre Sebastião Pinto de Carvalho, vice-monteiro-mór Miguel Gonçalves Dias, e logares-tenentes José Gil Barbedo, Manuel Marcella e Martins.

Tinham sido planeadas tres batidas; a primeira ao norte da serra, na região do javali; a segunda ao centro, na região das corças, gamos e veados; e a terceira ao nascente, na região da cabra brava.

O tempo apresentára-se de um aspecto pouco tranquilisador, mas apesar d'isso resolveu-se que a caçada se effectuasse. Apenas se observou á rainha que não seria conveniente o aventurar-se com um tempo tal a uma ascenção fatigante á serra, porém a intrepida princeza, que em toda a digressão deu provas de uma inergia pouco vulgar em uma senhora, objectou que assim como os outros iam, ella iria tambem.

Ás 8 horas da manhã, pois realisou-se a partida, indo el-rei, a rainha e os principes a cavallo, acompanhados dos srs. drs. Ricardo Jorge e Paulo Marcellino e de uns cem caçadores, todos devidamente armados.

A princeza D. Amelia não tomou parte na digressão.

Das pessoas reaes, destacava-se o principe D. Carlos, pelo seu elegante trajo á alemtejana. As restantes vestiam com simplicidade.

Até o Curral do Mouro o caminho é relativamente commodo, mas d'ahi para cima a subida torna-se não só difficil, como por vezes perigosa, tanto para peões como para cavalleiros. Succedem-se os desfiladeiros e as veredas estreitas e tortuosas abertas em terrenos quasi a pique. Ruidosas quedas de agua despenham-se de grande altura, formando lagoas e poços que só se podem contornar caminhando por sobre penedias escarpadas. Em compensação, ao chegar-se ao planalto do Curral de Leonte, a vista dilata-se por um horisonte extensissimo e encantador. Ahi uma matta verdadeiramente virgem, anima a paizagem, com as suas grandes arvores e plantas silvestres. (1)

Foi n'esse planalto que a familia real parou e se dispôz para a espera das corças, tendo-se previamente estabelecido a batida em uma grande área. Os monteadores procuravam desalojar os animaes por meio de tiros e de uma gritaria ensurdecedora, porém a caça não appareceu onde as pessoas reaes a aguardavam.

Mais longe, comtudo, em Chã da Carvalhosa o padre Domingos da Cunha Almeida Peixoto, parocho de Oliveira e o caçador Serafim da Silva, abatiam uma corça e em Maceira, José Martins, matava outra.

No emtanto, a negridão que toldara o firmamento por sobre as cumiadas da Teta da Virgem, approximava-se e d'ahi a pouco a chuva cahia torrencialmente. Deu-se ordem para o regresso, que foi penosissimo.

Procurou-se abrigar a rainha improvisando-se uma cobertura com a manta alemtejana do principe real, mas o peso da agua tornou inutil esse recurso.

Começou a descida, a pé, debaixo de aguaceiros constantes e pelos atalhos agrestes da montanha. Na frente marchava a sr.ª D. Maria Pia com um simples guarda-chuva, acompanhada dos srs. conde de S. Mamede, D. Antonio Paraty e major Duval Telles. A grande distancia seguia-se o infante D. Affonso envolto em um gabão de Aveiro, mais atraz o principe D. Carlos e por fim el-rei, seguido dos srs. condes de Ficalho e de Tarouca, todos sem resguardo algum.

Foram immensos os obstaculos a vencer antes de se chegar ao povoado. As enchurradas despenhavam-se com grande ruido, formando levadas que era necessario transpor com immenso trabalho. Além d'isso era necessario caminhar com todo o cuidado, porque uma simples escorregadella podia produzir uma queda nos profundos despenhadeiros que se abriam na orla do estreito caminho. Depois de tudo isto, as arestas vivas das pedras do atalho, que feriam os pés, e as urzes e sarçaes que fustigavam as pernas, mais penosa tornavam a descida.

Os caçadores, encharcados até á medula dos ossos, caminhavam silenciosamente, sendo notada a intrepidez da sr.ª D. Maria Pia, que com o seu exemplo animava os mais descoroçoados.

Depois de um precurso de cerca de quatro kilometros, feito n'estas arduas condições, a caravana chegou a Seicello, onde a familia real póde montar á cavallo, seguindo para a povoação.

Depois das 4 horas da tarde chegavam tambem os caçadores de Villar da Veiga, com as duas corças mortas, que offereceram a el-rei, o qual os gratificou com 100$000 reis. Os caçadores,

(1) No vol. 9.º do Occidente, correspondente ao anno de 1886, foram publicadas varias vistas da serra do Gerez e respectivos artigos.

em demonstração de regosijo por esta generosa recompensa, deram uma descarga formidavel com as armas que traziam ainda carregadas.

Para o jantar, Sua Magestade convidou, além dos promotores da caçada os srs. drs. Ricardo Jorge e Paulo Marcellino, o monteiro-mór e vice-monteiro, os srs. padre Sebastião e Miguel Gonçalves Dias.

Á noute, os caçadores de Brufe, Carvalheiras e Ciboco, desciam a quebrada da Cerdeira, em apparatosa marcha *aux flambeaux*, trazendo uma outra corça que havia sido morta por Manuel Joaquim Martins Coraço e pelo mudo Francisco Martins Caniço, aos quaes el-rei gratificou com 10 libras.

No dia seguinte, 14, as pessoas reaes desistiram de proseguir na excursão venatoria em consequencia dos caminhos terem ficado intransitaveis com as chuvas da vespera.

Comtudo os povos da freguezia do Campo e outras, continuaram a caçada, abatendo um veado e duas corças.

A familia real passou o dia, quer passeando em trem quer a pé pelas proximidades do Gerez, indo a Villar da Veiga e até á ponte do rio Caldo. O principe real entreteve-se por vezes a atirar aos passaros, e tanto elle como a rainha, e a princeza D. Amelia tiraram tambem alguns croquis de diversos sitios pittorescos.

O padre Sebastião de Freitas offereceu á princeza D. Amelia uma collecção mineralogica do Gerez, entre a qual se destacava um magnifico exemplar de crystal rosa.

Durante o seu passeio, Suas Magestades distribuiram varias esmolas a pessoas necessitadas.

Á noute repetiram-se as illuminações, sahindo a familia real a presenceal-as, acompanhada de muitos caçadores com archotes.

Mais tarde chegaram os povos de S. João do Campo, Cabril e Brufe, com as duas corças e o veado que tinham morto. El-rei gratificou-os tambem.

Finalmente o sr. Gaspar Malheiro offereceu a Sua Magestade a rainha, uma formosa corça domesticada, que a augusta princeza recebeu com reconhecimento.

No dia 15, pelas 11 horas da manhã a familia real poz-se a caminho, de regresso a Braga, sendo no transito do mesmo modo festejada nas principaes povoações.

Em Bouro, apeou-se para visitar a egreja e a sachristia do antigo convento de frades bernardos, sendo acompanhada n'essa visita por muito povo que se reunira no local, tendo á frente uma phylarmonica.

Antes da partida do Gerez, o sr. dr. Ricardo Jorge offereceu aos jornalistas que acompanhavam as pessoas reaes, um excellente almoço, que foi servido na Pedra Bella, ponto da serra a 800 metros acima do nivel do mar e de onde se disfructam pontos de vista surprehendentes.

O almoço correu alegre e animado, trocando-se brindes chistosos, visto ter sido posta de parte qualquer parcella de etiqueta.

Em Braga Suas Magestades e Altezas eram aguardadas por diversas authoridades e pelo povo, que fez uma recepção muito affectuosa aos regios excursionistas.

No dia 16, anniversario natalicio de Sua Magestade a rainha, a familia real foi ao meio dia ouvir missa ao templo do Bom Jesus, sendo celebrante o sr. arcebispo primaz.

Depois do almoço começou a recepção, que esteve concorridissima, vindo expressamente de Lisboa, cumprimentar sua augusta cunhada, o sr. D. Augusto.

Na recepção, apresentaram allocuções a camara municipal de Braga, e a Associação Commercial, prestando egualmente as suas homenagens á sr.ª D. Maria Pia todas as authoridades e corporações d'aquella cidade, commandantes e officiaes dos corpos da guarnição do Porto e Braga, diversos cavalheiros de Lisboa e Porto, vindos de proposito para esse fim, uma deputação dos bombeiros voluntarios do Porto e finalmente um numeroso grupo de damas distinctas da sociedade portuense, entre as quaes se contavam as sr.as condessas de Samodães e de Campo Bello, viscondessa de Guedes Teixeira, que entregou a Sua Magestade, em uma formosa pasta de setim uma felicitação que foi lida pela sr.ª D. Anna José Guedes.

Tambem miss Emily Reid, brindou Sua Magestade com um bello *bouquet* de flores naturaes composto pela referida senhora.

El-rei agraciou o sr. arcebispo primaz com a gran-cruz da Conceição, entregando-lhe no fim da recepção as respectivas insignias.

Ao jantar de gala assistiram além do sr. infante D. Augusto, dos ministros do reino e das obras publicas com suas esposas e das principaes authoridades de Braga, os srs. condes de Villa Nova da Cerveira, de Ribeiro da Silva, de S. Miguel, de Casal Ribeiro, de Sabugosa, de S. Mamede, visconde de Asseca, deputados Castro Monteiro e Augusto Pimentel, as sr.as condessas de Bredandos, de S. Miguel, de Rezende, de Casal Ribeiro, viscondessa de Pindella, etc.

Á noute houve vistosas illuminações e fogos de artificio no Bom Jesus, reunindo-se alli um extraordinario concurso de povo, que por vezes victoriou a familia real.

Duas bandas de musica, e os descantes e danças populares animavam aquelle perfeito arraial.

Sua Magestade a rainha foi brindada com muitos *bouquets* durante o dia, e recebeu tanto do paiz como do estrangeiro, numerosos telegrammas de felicitação pelo seu anniversario.

No dia 17 realisou-se a visita da familia real a Vianna, tendo logar a partida, cerca do meio dia. No comboyo tomaram logar, além dos ministros e pessoas da comitiva regia, diversas authoridades e pessoas consideradas de Braga.

A viagem decorreu no meio das acclamações de jubilo dos povos que demoram nas localidades e povoações proximas á via ferrea. Principalmente de Nine para cima muita gente estanceava nas imminencias que dominam a linha, dando vivas e lançando foguetes.

Em Barcellos, cuja estação se via profusamente decorada, tocando alli duas phylarmonicas, havia grande concorrencia de povo. A familia real apeou-se e dirigiu-se para uma das salas da estação sob uma chuva de flores lançadas por um grupo de raparigas do Minho, com os seus trages de festa. As pessoas reaes eram esperadas pela camara municipal, cujo presidente leu uma felicitação, pelas demais authoridades e por diversas senhoras.

O sr. Manuel Luiz Miranda, almoxarife da casa de Bragança, entregou tambem a el-rei uma allocução.

Ao partir o comboyo, repetiram-se os calorosos vivas que tinham sido erguidos á chegada da familia real.

O comboyo parou em Barozellas, onde estavam os srs. governador civil de Vianna, deputado Goes Pinto e outras pessoas que tomaram logar n'elle.

Em differentes pontos da linha e em Darque, a passagem da familia real era saudada com estrepitosos vivas, foguetes e repiques de sinos, manifestando-se por toda a parte o mais expansivo contentamento pela presença dos monarchas.

Pouco depois da 1 hora e meia da tarde a familia real chegava a Vianna.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

FAMILIA REAL PORTUGUEZA

O grande grupo que hoje reproduzimos é copia de uma das bellas photographias que a familia real tirou no afamado atelier União, durante a sua permanencia no Porto.

Uma magnifica ampliação d'este grupo, emoldurada em um elegante caixilho, foi offerecida a SS. M. M. pelos proprietarios da referida photographia, aos quaes os monarchas dirigiram phrases de subido louvor, pelo apreciavel trabalho que executaram e cuja difficuldade se assignala não só pelo grande numero de figuras, como pela nitidez de todo o cliché.

No primeiro plano vêem-se sentados: S. M. a rainha com o seu augusto neto no regaço, S. A. a princeza D. Amelia e el-rei o sr. D. Luiz.

Por detraz agrupam-se, contando do lado esquerdo, o sr. D. Francisco de Almeida, o sr. conde de Tarouca, S. A. o principe D. Carlos, o sr. conde de Ficalho, a sr.ª condessa de Mossamedes, S. A. o infante D. Affonso, o sr. conde de Mossamedes, a sr.ª condessa de Seisal, o sr. conde do mesmo titulo, o sr. major Duval Telles e o sr. tenente Benjamim Pinto.

Todos estes personagens foram os que acompanharam a familia real na sua digressão ao norte do reino.

CABINDA

Cabinda faz parte do novo districto do Congo de que já nos temos occupado em outros artigos, e tem residente delegado do governo geral do districto.

Está situada nas margens do Zaire ao norte d'este rio, entre 5°12 e 6 de latitude sul. É terra fertil e de soberba vegetação como quasi toda a Africa.

Tem uma magnifica bahia, de que damos uma vista na nossa gravura da primeira pagina, copia de uma photographia que nos foi enviada de Cabinda por um nosso obsequioso correspondente, a quem devemos tambem algumas informações sobre o estado actual d'esta povoação, que até ha pouco apenas tinha quatro feitorias portuguezas, duas hollandezas e uma ingleza.

Começa a sentir-se a influencia da expedição portugueza que foi estabelecer o governo no novo districto do Congo, parte da qual se acha em Cabinda, estando desempenhando as funcções de residente, n'esta povoação o capitão de cavallaria sr. Antonio Maria da Costa.

Em Cabinda já se estão fazendo algumas construcções, das quaes a mais importante é o quartel do batalhão de caçadores n.º 3, cuja edificação se acha muito adiantada, tendo já concluido quatro casernas, com as respectivas arrecadações, lavatorios e quartos para sargentos, e um pavilhão dividido em doze quartos para officiaes e um salão. Falta outro pavilhão, egual numero de casernas, assim como a habitação do commandante, officiaes superiores, secretaria, cosinhas etc.

Este quartel, depois de concluido, fica sendo o melhor da provincia e talvez até do reino, não só pela sua grandeza, como pela sua construcção apropriada, segundo os mais modernos preceitos para este genero de edificios.

É tambem importante a construcção que se fez de armazens para deposito de material de guerra, paioes para polvora e a montagem de tres telephones.

A residencia do governo é por emquanto provisoria, tratando-se de dar principio á edificação difinitiva, cujo desenho publicámos a paginas 196 do presente volume.

Cabinda já tem illuminação publica a petroleo, melhoramento realisado pelo secretario do governador, sr. Miranda, que assim o determinou, na ausencia do governador do districto sr. Neves Ferreira, que foi a Santo Antonio do Zaire installar a residencia n'aquelle ponto.

Todo isto nos revela a nova feição que as nossas possessões d'Africa vão tomando, depois que o governo da metropole tem olhado com mais attenção para aquelle paiz, que aliás tão descurado tem sido dos governos de Portugal.

São enormes os sacrificios que ha a fazer, para que a nossa Africa entre n'um periodo de prosperidade, que chegará mais ou menos remotamente, á medida que os melhoramentos publicos se realisarem com mais ou menos morosidade. Não sabemos se o Congo será uma região que agradeça esses sacrificios tão completamente como seria para desejar, entretanto bom é que alguma cousa se faça n'este ponto e em outros, porque será este o meio de equilibrar os resultados que se esperam de Africa, compensando o desenvolvimento de uns a fraqueza dos outros.

A SÉ VELHA DE COIMBRA

Templo venerando pela severidade do seu aspecto, apresenta á vista todos os estragos dos seculos que tem volvido sobre a sua fundação. Não é esta facil de precisar, como a de tantos outros monumentos, cuja origem se perde na distancia dos tempos, e se tentassemos tirar a limpo a data da sua fundação, não seriamos mais felizes que tantos investigadores abalisados que a tem procurado em vão, perdendo-se n'um labyrintho de contradicções, em que nada se tem apurado de positivo.

Seguiremos, por isso, a opinião do sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro que, no seu magnifico livro, *Guia do Viajante em Coimbra*, diz ser a Sé Velha de Coimbra coeva da fundação da monarchia, opinião fundada em documentos irrecusaveis, embora d'esses documentos se possa deprehender que no mesmo logar em que se edificou a Sé, já existia alguma grande mesquita que fôra sagrada para templo christão, quando D. Fernando Magno conquistou Coimbra em 1064, e de que o bispo de Tortose D. Paterno foi seu primeiro prelado.

Esse templo, porém, é quasi certo que desapparecesse pela furiosa invasão de arabes que assolaram Coimbra, depois da morte de D. Affonso VI, destruindo e matando tudo que encontraram, incluindo a Sé, que foi mandada reedificar pelo bispo D. Gonçalo a suas espensas.

Pelos annos adiante continuaram as obras, e no tempo do bispo D. Miguel, que governou a

diocesse desde os annos de 1162 a 1176, ainda proseguiriam com grande desenvolvimento, á custa d'este prelado. Assim se acha expresso na *Chronica dos Conegos Regrantes*, quando diz: «Trabalhou muito porque o culto divino fosse em grande crescimento, e gastou muito dinheiro em reparar e refazer a Sé.»

Isto se diz no referido livro do *Guia do Viajante em Coimbra*, onde mais se pode lêr a transcripção de um artigo escripto por L. A. Rebello da Silva em 1853, em que este historiador, baseando-se em documentos do *Livro Preto*, demostra que a reedificação d'esta Sé foi feita em tempo do bispo D. Miguel, e que para essa reedificação fôra chamado de Lisboa um architecto de nome Roberto, e que este auxiliara o architecto Bernardo que dirigia a obra sobre as suas instrucções.

O architecto Roberto foi que delineiou o portal, obra magnifica, hoje muito arruinada.

Veio tambem um artista estrangeiro chamado mestre Ptolomeus, que fez o retabulo dourado do frontal, e do quadro com lavores de ouro da Annunciação da Virgem.

O bispo D. Jorge d'Almeida fez no seculo XVI grandes obras na Sé, e ainda no seculo seguinte o bispo Affonso de Castello Branco continuou no engrandecimento do edificio.

Vê-se por isto que a Sé Velha de Coimbra é obra que principiou com a fundação da monarchia, e que até ao seculo XVII se fizeram ali obras importantes, o que não impediu do edificio pouco a pouco ir cahindo em ruina.

É este um dos monumentos mais curiosos que ha para vêr em Portugal, tanto pelas suas bellezas d'arte na architectura, e nos retabulos e mais obras das suas capellas, como pela historia, sendo sepultura de muitos varões illustres.

Entre outros repousam ali os restos do bispo D. Egas Fafes; D. Vintaça que foi aio do infante D. Affonso, filho da rainha Santa Izabel, depois rei; o bispo D. Jorge; o bispo D. Joanne Mendes de Tavora; o bispo D. Tiburcio etc.

Foi n'este templo que se celebrou a ceremonia da coroação de D. Sancho I e a rainha sua mulher pelo bispo D. Martinho, em 9 de dezembro de 1185.

Em tempo de el-rei D. Diniz celebrou n'este templo o bispo D. Raymundo, pela primeira vez em Portugal, a festa da Conceição Immaculada.

O mestre de Aviz foi recebido n'esta Sé com honras de monarcha, no dia 3 de março de 1385, quando veio assistir ás côrtes de Coimbra que o confirmaram rei D. João I.

Muito teriamos a dizer sobre este respeitavel monumento, se não nos faltasse o espaço para mais minuciosa noticia, mas o leitor que se interessar saber mais promenores sobre a Sé Velha de Coimbra, encontra no *Guia do Viajante em Coimbra* a que nos temos referido, uma desenvolvida descripção e noticia historica a respeito d'este edificio.

FONTES PEREIRA DE MELLO

XXIII

Pouco tempo esteve fóra do poder o nosso immortal estadista. Sem a sua direcção immediata, o ministerio, apezar de encerrar no seu seio tres dos mais brilhantes talentos do partido regenerador, os srs. Lopo Vaz de Sampaio e Mello, Julio de Vilhena e Hintze Ribeiro, não podia deixar de se sentir um pouco fraco. A 14 de novembro de 1881, por uma recomposição ministerial, entrou no poder Fontes Pereira de Mello com a pasta da guerra, com a da fazenda interinamente e com a presidencia, o sr. Thomaz Ribeiro com a pasta do reino, o sr. José de Mello Gouveia com a da marinha. Saíam Antonio Rodrigues Sampaio, que morreu quasi um anno depois, o sr. Lopo Vaz, que no seu curto ministerio fizera a brilhante operação financeira da conversão, o sr. Barros e Sá ministro da justiça e o sr. Sanches de Castro ministro da guerra. O sr. Julio de Vilhena deixava a pasta da marinha, mas tomava conta da pasta da justiça.

Abriu-se a sessão parlamentar de 1882, e Fontes Pereira de Mello apresentou logo como a medida capital da sua gerencia financeira o addicional de 6°/₀ sobre todas as contribuições do Estado, directas e indirectas. Era essa uma d'estas medidas rasgadas de que só Fontes Pereira de Mello podia tomar a iniciativa. Politico ousado, empregando a franqueza como arma principal nas pugnas parlamentares, Fontes não hesitou em reconhecer todos os inconvenientes, ainda mais theoricos do que praticos, d'essa medida; mas accrescentava que nenhuma outra lhe dava tão de prompto, e de modo menos doloroso para o contribuinte, receita tão avultada. Assim era effectivamente e os resultados vieram plenamente confirmar as suas previsões.

Não seria muito tormentosa essa sessão parlamentar se o negocio de Salamanca não viesse gravemente complicar a situação politica. Não tratamos aqui de discutir essa medida. Foi inspirada pelo desejo nobilissimo de acudir a uma linha do Estado, a linha do Douro, condemnada, se a de Barca d'Alva a Salamanca se não construisse, a parar na fronteira sem ter saida; mas é certo que a idéa de se subsidiar uma linha ferrea em territorio estrangeiro tornava pouco sympathica a proposta do governo. Em todo o caso, fosse qual fosse a utilidade d'essa proposta, é certo que Fontes a manteve e a sustentou energicamente como nos seus mais bellos dias de lucta parlamentar. O parlamento encerrou-se depois de uma longa sessão, e no outono a familia real ia visitar as provincias do norte, onde era acolhida com o maximo enthusiasmo.

Correu placidamente a sessão parlamentar de 1883. No espirito de Fontes Pereira de Mello penetrára uma idéa que ia germinando lentamente. Em 1872 todos os partidos militantes no campo constitucional tinham apresentado uma proposta para a reforma da Carta; fôra um d'elles o partido regenerador. Entendeu depois porém o chefe d'este partido que era prematuro ainda esse passo politico, e deixou dormir o projecto nos archivos da commissão. Deu isto logar a algumas scisões no partido, mas Fontes persistiu na sua idéa de adiamento. Ainda em 1881 quando, em virtude da alliança que entre o partido regenerador e o partido constituinte se fez para hostilisar o progressista, quiz Fontes Pereira de Mello que entrassem no ministerio elementos dos dois partidos; o obstaculo que se oppoz foi pretender o sr. Dias Ferreira que o ministerio se occupasse de reformas politicas, e recusar-se Fontes a isso. Mas a pouco e pouco a idéa ia tomando vulto.

Em 1882 uma parte do partido regenerador mostrou uma certa tendencia para favorecer esse movimento. Com a habilidade que o caracterisava, e que lhe fazia ver o momento exacto em que era opportuno fazer uma evolução qualquer na sua marcha politica, Fontes surprehendeu os seus adversarios e o paiz, declarando em 1883 no discurso da corôa que o governo julgava chegado o momento de entrar no caminho das reformas politicas. Por esse facto desarmou immediatamente o partido constituinte, cujo programma d'esta fórma se ia realisar.

Pouco depois apresentava a sua proposta para a reforma da Carta acompanhada por uma proposta de reforma de lei eleitoral, proposta em que se introduzia o principio, ainda hoje tão pouco applicado na Europa, da representação das minorias. Essa deliberação de Fontes fez com que saísse do ministerio o ministro da marinha o sr. José de Mello Gouveia, logo substituido pelo sr. Barbosa du Bocage. Os resultados porém d'esse acto foram maravilhosos: desnorteou os adversarios quebrando-lhes uma arma nas mãos, consolidou o partido regenerador um instante abalado, approximou d'elle intimamente os dissidentes que formavam uma parte do partido constituinte, e, moderando o prurido reformador dos que se diziam mais avançados, circumscreveu as reformas nos pontos que pareciam mais essenciaes.

Mas o ideal de Fontes Pereira de Mello, ideal pelo qual sempre pugnára, era que as reformas politicas se realisassem com o accordo de todos os partidos. Entendia que, sendo a constituição patrimonio commum de todos os partidos legaes, devendo servir a todos, e a todos abrigar, não podia ser simplesmente a tenda de um dia levantada por um partido, com a sua bandeira a tremular no tope, e que o partido opposto só aspira no dia seguinte derrubar. Com o partido constituinte já começára a entender-se. Para tornar a união mais intima, aproveitou o ensejo de um desaccordo entre collegas motivado pela eleição municipal de Lisboa, e que deu em resultado uma crise ministerial, para recompôr o gabinete com elementos d'esse partido e elementos regeneradores cuja entrada no poder, no momento em que se ia tratar de reformas politicas, estava claramente indicado. O ministerio de 24 de outubro de 1883 ficou pois assim composto, com a entrada de novos ministros e transferencia de outros: Fontes, presidencia e guerra; Barjona, reino; Lopo Vaz de Sampaio, justiça; Hintze Ribeiro, fazenda; dr. Bocage, negocios estrangeiros; Antonio Augusto de Aguiar, obras publicas; entrando para a pasta da marinha a pessoa que hoje escreve estas linhas.

Mas não se limitavam a isso as ambições de Fontes Pereira de Mello: queria que o partido intransigentemente hostil, por isso mesmo que estava solidamente organisado, e era o herdeiro natural do poder, concordasse nas reformas politicas. Esse partido — o progressista — achava-se n'uma condição especial, que o predispunha para acceitar quaesquer propostas n'esse sentido. O seu amor proprio fôra cruelmente flagellado pela organisação do ministerio de 24 de outubro.

Effectivamente os *leaders* na imprensa d'esse partido, lembrando-se do exito que tivera a sua campanha contra a corôa, tinham pensado em renoval-a. Era um erro. Essas coisas dão resultado uma vez. O proverbio latino é-lhes perfeitamente applicavel: *non bis in idem*. Da primeira vez a corôa achára-se em face de um partido que parecia desesperado e que se affigurava decidido a jogar as ultimas. Diante do perigo que parecia imminente de se precipitar o partido progressista pelo caminho republicano, a corôa fez um sacrificio, resolveu bem no intimo do peito quaesquer resentimentos, e chamou ao poder os progressistas. Repetir o processo era um erro comtudo. Naturalmente a corôa pensou que, se estabelecesse como systema chamar ao poder aquelles que a descompozessem, podia isso leval-a muito longe. Era natural que recorresse a todos os expedientes para evitar ser assim humilhada. Os progressistas porém estavam tão illudidos ácerca do exito provavel da sua campanha que os seus jornalistas, respondendo a outro que procurava aproveitar o que havia realmente de um pouco divertido na sua attitude, diziam: *Rira bien qui rira le dernier.* Veio comtudo a crise ministerial sem ter a solução que elles esperavam. A campanha contra a realeza parou immediatamente, e os que tinham emprehendido essa campanha, que bem póde chamar-se da *abdicação*, porque foi essa a corda que os progressistas feriram, mostraram-se muito dispostos não só a transigir com o rei, mas até a transigir com Fontes. Fez-se o cognominado *accordo* e no principio da sessão de 1884 os chefes dos dois partidos, regenerador e progressista, declararam que, obedecendo aos principios supremos da ventura nacional, suspendiam hostilidades em tudo o que dizia respeito a reformas politicas, e concordavam em que esse assumpto se tratasse sem irritação e serenamente, comtanto que a reforma eleitoral trouxesse elementos seguros para a opposição poder ser na camara largamente representada.

Foi esse um triumpho notavel para a politica de Fontes Pereira de Mello. O homem que firmára com o seu nome o primeiro Acto Addicional á Carta, com plena pacificação dos partidos, ia assignar o segundo no meio das treguas da politica facciosa, que ainda na vespera se mostrára irritante e irritadissima. É certo que os deputados progressistas eleitos vieram depois declarar que consideravam rôto o accordo, e que se recusavam a collaborar na discussão e feitura do Acto Addicional. Isso de pouco valia. Era apenas o prologo da renovação das hostilidades. Subindo ao poder, respeitaram o segundo Acto Addicional tão profundamente como se elles proprios sósinhos o tivessem feito. A obra de Fontes com isso em nada perderia a sua importancia. A nova reforma da Carta foi levada a effeito, não só sem agitações no paiz, mas tambem sem agitações no parlamento.

Como o sol que no outono é mais explendente no occaso que em qualquer outra epoca do anno, assim, no outono da existencia de Fontes, o sol da sua vida politica, que ia de subito sumir-se, doirava o horisonte da patria com desconhecidos fulgores. Uma rapida vista d'olhos lançada a este ultimo periodo da existencia politica de Fontes, e teremos concluido a nossa ardua tarefa.

(Continua.) *Pinheiro Chagas.*

RESENHA NOTICIOSA

Ligação dos rios Tejo, Sado e Guadiana. Portugal, mau grado dos pessimistas, entrou felizmente n'um periodo de renascimento visivel e que já começa a manifestar os seus beneficos effeitos. As obras de melhoramentos publicos succedem-se sem interrupção, e os projectos d'outras já não ficam só no papel, como d'antes

acontecia, e quanto mais se fomenta o desenvolvimento do paiz, novos projectos se apresentam para o seu engrandecimento. Assim, ao desenvolvimento das vias acceleradas e estradas ordinarias, succedem-se as grandes pontes que atravessam os rios, as obras dos portos de mar emprehendidas no Tejo, em Leixões e nas ilhas, e sem inumerar os melhoramentos municipaes que por todo o paiz se teem realisado, e ainda aquelles que tem partido da iniciativa particular, que principia a manifestar-se com certo incremento, vêmos que as grandes empresas já não são uma utopia em Portugal, e em cada dia apparecem novos planos e novos estudos de obras, que já nos não devem assustar pela sua grandeza e importancia. Estas considerações foram-nos suggeridas pela seguinte noticia que a imprensa da capital poz ha dias em circulação: «O sr. engenheiro Candido Xavier Cordeiro requereu ao governo a concessão da abertura e exploração, pelo tempo de 99 annos, de um canal de navegação ligando os rios Tejo, Sado e Guadiana, com garantia de juro de 5,5 % do capital a empregar na razão de 36:000$000 réis por kilometro. O canal deverá partir do esteiro de Aldeia Gallega, transpôr a divisoria do Tejo e Sado nas alturas do Pinhal Novo e seguir em direcção ao braço do Sado, que passa nas proximidades de Aguas de Moura. Na Marinha Nova se bifurcará o canal em dois ramos, partindo um para o Sado em direcção á Senhora da Graça, e o outro — o principal — entrará no braço referido pelo esteiro do Carvão. D'este ponto em diante a navegação será feita pelo Sado até Porto do Rei e a partir d'este ponto será aberto um outro canal, parallelamente ao leito do Sado, até á foz do rio de Odivellas, d'onde se desviará em direcção a Ferreira, passando depois para Aguas do Guadiana por Albernoé e Mertola, onde entrará no rio Guadiana. A alimentação da parte do canal comprehendida entre o Tejo e o Sado será feita com aguas do Tejo elevadas por fortes machinas; e a da parte comprehendida entre o Sado e o Guadiana por aguas represadas em albufeiras, que se deverão construir nas linhas d'agua proximas a Albernoé».

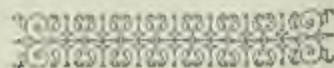
A SÉ VELHA DE COIMBRA (Segundo uma photographia)

Um Cartaz em Chromo. Recebemos do sr. Eduardo Antonio da Costa, dignissimo proprietario da fabrica de bolachas á Pampulha, e industrial tão intelligente quanto activo, um lindo cartaz em chromo, referente á sua industria, executado a primor na lythographia do sr. Guedes, sendo o desenho uma graciosa composição allegorica, do sr. Gameiro Guedes, que ha pouco regressou do estrangeiro, onde esteve estudando a lythographia e a especialidade chromos, por conta do governo. Este trabalho que dá honra ao estabelecimento lythographico do sr. Guedes e aos artistas que n'elle collaboraram, é um brinde delicado que o sr. Eduardo Costa offerece aos consumidores revendedores dos productos da sua fabrica. Agradecemos o exemplar com que nos brindou.

Academia Real das Sciencias. Reuniu no dia 28 do mez passado a commissão de 1.ª classe da Academia Real das Sciencias, que tem de dar parecer sobre as obras litterarias que concorreram ao premio D. Luiz I, relativo ao anno de 1886. O sr. Silveira da Motta leu um relatorio sobre um livro de historia que tambem concorreu ao premio, e em seguida foi lido o relatorio do sr. Pinheiro Chagas sobre as obras que fôra encarregado de apreciar, e são as seguintes: «Um drama historico», do sr. Theotonio Flavio de Oliveira; outro drama, «O Germano», do sr. Abel Accacio; um livro de viagens do sr. Coelho de Carvalho; a Reliquia», romance de Eça de Queiroz; os «Amores de Julia», romance historico do sr. Sousa Monteiro; uma collecção de poemetos ineditos, do sr. Guilhermino de Barros, e o drama historico «Duque de Vizeu», de Lopes de Mendonça. A commissão reune-se novamente, d'aqui a 8 dias, em sessão, em que será naturalmente votado o premio.

Para o concurso d'este anno só podem ser admittidas ao concurso as obras nacionaes, manuscriptas ou impressas, a contar do anno de 1884 inclusivé, e cujo objecto se comprehenda nas disciplinas de algumas das quatro sessões da 1.ª classe: sciencias mathematicas, sciencias phisicas, sciencias historico-naturaes, sciencias medicas; e de que hajam sido depositados na academia, dentro do praso acima indicado, dois exemplares ou cópias, com declaração assignada pelos auctores de que o deposito é para os effeitos do concurso. O premio deve ser conferido pela mencionada classe, nos termos do regulamento approvado em sessão de assembléa geral de 12 de maio ultimo, á obra da secção de sciencias mathematicas que fôr julgada digna d'esta distincção, se em qualquer das outras sessões não concorrer algum trabalho que a todos deva preferir por merito superior notorio.

Jubileu do Papa Leão XIII. O programma das festas que tem de realisar-se em Roma, por occasião do jubileu, é o seguinte: No dia 31 de dezembro Leão XIII receberá a deputação internacional das commissões promotoras do jubileu. No 1.º de janeiro, o papa celebrará a sua missa jubilar. No dia 2 de janeiro, na basilica de S. Lourenço muitas notabilidades do mundo litterario lerão peças em verso e trechos oratorios allusivos ao jubileu. Nos dias 3, 4 e 5 de janeiro haverá recepções de peregrinos. No dia 6 inauguração da exposição do Vaticano por Leão XIII, em presença dos cardeaes e do corpo diplomatico.

O papa pronunciará no domingo, na oitava da Epiphania, a canonisação de muitos bemaventurados e no domingo seguinte a beatificação de diversos veneraveis. Calcula-se em 50:000 o numero de peregrinos que irão a Roma por occasião do jubileu de Leão XIII; em perto de 2:000 contos o producto da collecta extraordinaria do Dinheiro de S. Pedro que se fará por essa occasião; e em mais de 4:000 contos o valor dos presentes.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos.

O Inferno, poema, por Dante Alighieri, traducção portugueza de Domingos Ennes, com uma breve noticia preliminar por Xavier da Cunha, illustrações de Gustavo Doré, David Corazzi, editor, Lisboa. Temos presente o primeiro fasciculo d'esta magnifica edição, que ás bellezas do immortal poema do Dante, reune as bellezas da arte de Guttenberg, tal é a perfeição com que vae feita. Muitos fallam do grande poema, mas poucos o conhecem de o lêr no nosso paiz, e por isso a occasião é favoravel para o adquirir, agora que vamos ter uma edição em portuguez, primorosamente traduzida por Domingos Ennes, infelizmente já fallecido, que poz n'essa traducção todos os cuidados e escrupulos litterarios, que tanto distinguiram as suas producções em vida, e que o não vão honrar menos depois da morte, com a publicação d'este trabalho que deixou inedito.

Melhoramentos de Lisboa. *Engrandecimento da Avenida da Liberdade* por Miguel Carlos Correia Paes, 3.º opusculo, Lisboa. — Typographia Universal, 1887. — O distincto engenheiro, o sr. Miguel Paes continua n'este opusculo a sua incansavel propaganda sobre os melhoramentos de Lisboa, referindo-se mais especialmente ao engrandecimento da Avenida da Liberdade, e terminando por demonstrar as vantagens das officinas pertencentes ao caminho de ferro de Sul e Sueste, em que tem sido feitas differentes machinas, caldeiras, wagons, carruagens, etc., com grande economia para o Estado e vantagem sobre o custo extrangeiro.

F. L. M., por Xavier de Montepin, traducção de Cunha e Sá. David Corazzi, editor, Lisboa, 1887. 6.º e ultimo volume d'este romance do fecundo romancista francez Xavier de Montepin, um dos que mais popularidade tem adquirido em Portugal, onde os seus romances são lidos com grande interesse.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa